

A BIBLIOTECA COMO ESPAÇO DE DIÁLOGO: CONEXÕES ENTRE A UNIVERSIDADE E COMUNIDADES PERIFÉRICAS

*THE LIBRARY AS A SPACE FOR DIALOGUE:
CONNECTIONS BETWEEN THE UNIVERSITY AND PERIPHERAL COMMUNITIES*

*LA BIBLIOTECA COMO ESPACIO DE DIÁLOGO:
CONEXIONES ENTRE LA UNIVERSIDAD Y LAS COMUNIDADES PERIFÉRICAS*

Lucia Helena de Andrade Santos¹

Luciana Velloso²

Código DOI

Resumo

Este artigo é parte de uma pesquisa de mestrado que ressalta o papel de uma biblioteca na periferia na contribuição para um ambiente universitário de excelência em todos os sentidos. Apresenta uma bricolagem metodológica com a etnopesquisa crítica (Macedo, 2006) e as pesquisas com os cotidianos (Alves, 2008). Os praticantes da pesquisa são integrantes de uma turma de Pedagogia e usuários da biblioteca localizada no campo de estudo, uma faculdade pública situada na periferia da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Foram acionados como dispositivos o aplicativo WhatsApp, conversas com os praticantes e diário de campo. Foram verificadas novas perspectivas para a biblioteca, destacando sua importância na periferia e para inclusão de sua comunidade no ambiente acadêmico. A pesquisa contribui para perceber a constante ressignificação da função da biblioteca, desempenhando papel educacional, com apoio à aprendizagem na formação de leitores críticos, reflexivos e efetivos usuários da informação.

Palavras-chave: Biblioteca. Periferias. Universidade pública.

Abstract

This article is part of a master's degree research that highlights the role of a library in the periphery in contributing to a university environment of excellence in every sense. It presents a methodological bricolage with critical ethnoresearch (Macedo, 2006) and research into everyday life (Alves, 2008). The research practitioners are members of a Pedagogy class and users of the Library located in the field of study, a public college located on the outskirts of the state of Rio de Janeiro. Devices such as the WhatsApp application, conversations with practitioners and a field diary were used. New perspectives for the library were verified, highlighting its importance in the periphery and for the inclusion of its community in the

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Email: luciaandrade.bib@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7709-3431>

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Email: lucianavss@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6832-4189>

academic environment. The research contributes to understanding the constant redefinition of the role of the library, playing an educational role, supporting learning in the formation of critical, reflective readers and effective users of information.

Keywords: *Libraries. Peripheries. Public university.*

Resumen

Este artículo forma parte de una investigación de maestría que resalta el papel de una biblioteca de periferia para contribuir a un ambiente universitario de excelencia en todos los sentidos. Presenta un bricolaje metodológico con etnoinvestigación crítica (Macedo, 2006) e investigación de la vida cotidiana (Alves, N. 2008). Los practicantes de la investigación son miembros de una clase de Pedagogía y usuarios de la Biblioteca ubicada en una universidad pública en la periferia del estado de Río de Janeiro. Se utilizaron dispositivos como la aplicación WhatsApp, conversaciones con practicantes y diario de campo. Se verificaron nuevas perspectivas para la biblioteca, resaltando su importancia en la periferia y para la inclusión de su comunidad en el ambiente académico. La investigación contribuye a comprender la constante redefinición del papel de la biblioteca, desempeñando un papel educativo, apoyando el aprendizaje en la formación de lectores críticos y reflexivos de la información.

Palabras clave: *Biblioteca. Periferias. Universidad pública.*

Introdução

Se os objetos falam, como qualquer arqueólogo sabe, os livros estão entre os objetos mais eloquentes de todos.
Afonso Cruz, 2024

A revolução dos textos eletrônicos, que tem transformado as bibliotecas em cada vez mais digitais, coloca-nos a questão sobre os “espaços” que hoje a biblioteca ocupa. Entretanto, para além da análise sobre a revolução dos textos eletrônicos e a adequação das bibliotecas, salientamos a contribuição que uma biblioteca, com seu espaço e acervo tanto físico quanto digital, pode oferecer à comunidade local para a difusão de conhecimento, combatendo a desinformação e promovendo a inclusão acadêmica, sobretudo nas periferias.

Concordamos com Nóvoa (2017) quando diz que “minha escola ideal é a escola onde se entra pela biblioteca”; aplicando ao ensino superior em universidade pública que convive com sua vocação para o ensino de excelência e a inclusão social, podemos afirmar que ela pode ter os dois mundos conectados.

Feitas essas considerações, este artigo aborda, a partir de uma dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, o diálogo entre a biblioteca, a universidade e a

periferia, ressaltando o papel da biblioteca na periferia para uma universidade de excelência em todos os sentidos. Além da preocupação com a formação acadêmica, preocupamo-nos com a comunidade na qual a biblioteca e a faculdade estão inseridas e com toda a questão que envolve a função social das bibliotecas, sobretudo em contextos periféricos; buscamos neste artigo refletir sobre as potencialidades da biblioteca e da universidade na periferia.

É num contexto de periferia, em Duque de Caxias, no Estado do Rio de Janeiro, que a Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF) e a Biblioteca CEH-C, instalada em seu câmpus, se inserem. A FEBF reconhece as desigualdades econômico-sociais presentes na região, privilegiando as características geográficas e culturais da diferença, concebidas como expressão de seu propósito de ser (entre outros) um polo de produção de conhecimento e de intervenção cultural e social. Nesse sentido, há também um direcionamento dos objetivos da biblioteca para seus potenciais usuários – a comunidade acadêmica; entretanto, outras existências se apoderam desse espaço – a comunidade do entorno.

Refutando a visão de que o indivíduo fora dos grandes centros parece viver em outro campo cultural, ressaltamos um cenário no qual as discussões sobre cultura recebem cada vez mais centralidade (Hall, 1997). A população periférica brasileira, em especial a dos grandes centros urbanos, carrega o estigma trazido pela cultura disseminada da “falta”, baseado em construções sociais e históricas, colocando as bibliotecas como investimentos não prioritários (Milanesi, 1991); todavia, destacamos aqui a “presença” das bibliotecas em áreas periféricas, sublinhando sua influência positiva na educação, no desenvolvimento cultural e na promoção da igualdade de oportunidades.

É uma discussão que também faz eco com os estudos de Bourdieu (1999) acerca dos diferentes estados do capital cultural e a distinção entre o capital cultural herdado da família, que certamente coloca os indivíduos em posições mais privilegiadas, e o capital cultural adquirido, cuja importância também deve ser destacada. Ou seja, por mais que as populações periféricas sejam vistas como despossuídas desse capital trazido de berço, também podem introjetá-lo, dependendo das oportunidades de acesso que forem tendo ao longo da vida.

Nesse sentido, reconhecemos ainda a potência das bibliotecas, entendidas aqui como espaços de sociabilidade que congregam diferentes linguagens e experiências entre o *online* e o *offline* que nos circundam no contexto cibercultural (Velloso *et al.*, 2022).

A compreensão do fenômeno via bricolagem metodológica

As contribuições para nossa pesquisa se deram em variadas ambiências formacionais das quais participamos, seja no contato com os usuários da biblioteca, nos encontros com o grupo de pesquisa, em nossas aulas de mestrado ou nas conversas com uma turma de graduação. As implicações com a pesquisa aconteceram com os praticantes ao longo do processo de construção. Entretanto, para continuar a investigação e em busca de uma abordagem mais precisa, optamos por realizar uma bricolagem metodológica que incorpora, na condução de estudos, os aspectos do cotidiano estudados por Nilda Alves (2008) e etnopesquisa crítica (Macedo, 2006), uma modalidade de pesquisa influenciada pela perspectiva etnográfica.

A etnopesquisa é uma pesquisa qualitativa em que o pesquisador se envolve diretamente com a situação em análise, dando relevância à perspectiva dos participantes. Assim, o etnopesquisador deve observar atentamente os praticantes do estudo, suas opiniões, seus contextos e comportamentos, descrevendo suas realidades e valorizando todos os aspectos de suas narrativas.

Nessa perspectiva, entrelaçamos conhecimentos e nos envolvemos em diálogos com os outros, construindo os caminhos da escrita por meio de uma rede de conexões pessoais, profissionais e afetivas. Nesse processo, desenvolvemo-nos por meio de imersão, dialogando com as experiências cotidianas com base nos movimentos delineados por Nilda Alves (2008) para os processos de pesquisa com os cotidianos. Esses conceitos auxiliam a contemplar a pesquisa e a estabelecer um diálogo integrado entre o pensamento e a vivência.

Os praticantes que fazem parte da produção conjunta desta pesquisa pertencem ao câmpus e sua biblioteca. Primeiramente, a escolha para desenvolver a pesquisa recaiu nos estudantes da Faculdade, optando por uma turma de graduação. Entretanto, o cotidiano mostrou-nos que, além das conversas com os estudantes – que muitas vezes não são frequentadores assíduos da biblioteca –, faz-se necessário considerar o público que rotineiramente frequenta a unidade de informação. Esse público possui familiaridade no uso do espaço físico, pois mantém visitas regulares e proximidade com os funcionários. Alguns deles não possuem vínculo acadêmico com a Universidade, mas circulam por seus espaços. Assim, dois grupos foram considerados na escolha de nossos praticantes culturais: a) Estudantes da Turma EEPIII

- 2019.2, de períodos variados da Faculdade de Pedagogia, com diferentes faixas etárias e todas do sexo feminino; b) Frequentadores da biblioteca; alunos e não alunos da Faculdade.

Para facilitar a compreensão das experiências diárias, durante a pesquisa foram conduzidas avaliações de documentos como as expressões escritas dos participantes e um grupo do aplicativo WhatsApp³ criado pela professora de uma turma na Faculdade da qual participamos. Essas escritas, para Macedo (2006), aparecem como ‘etnotextos fixadores de experiências’, que são documentos reveladores de “sentidos, normas e conteúdos valorizados” (Macedo, 2006, p. 110), os quais, no artigo em questão, estão registrados, além de nos aplicativos de mensagens, por meio de conversas presenciais com as praticantes, em escritos nos portfólios produzidos pela turma de Pedagogia da Faculdade e no diário de campo.

Para Macedo (2006), o diário de campo representa, para o pesquisador, o elemento para reflexão sobre as experiências no campo e a sua própria formação, possibilitando-lhe compreender quais são seus atos falhos e quais são seus investimentos reais que ali se manifestam.

Assim, conversamos com professoras das redes municipais da região que ingressam nos bancos universitários após anos de prática escolar ou com estudantes que procuram a biblioteca para estudar e tentar um concurso público ou ingressar na faculdade que ora frequentam sem vinculação. Nessa perspectiva, torna-se importante o diálogo com os praticantes em suas práticas sociais, nas várias redes educativas que habitam e com as narrativas resultantes de suas reflexões sobre as ações que produzem. Assumimos as conversas como dispositivos de pesquisa, criando “diferentes sentidos para os acontecimentos vividos cotidianamente” (Ferraço; Alves, 2018, p. 41-42). A conversa não se constitui de uma simples coleta de informações à espera de que alguém possa recolhê-las. Ao contrário; visa a compreensão dos fenômenos a partir da representação dada pelos praticantes, proporcionando um adensamento do vivido.

No decorrer do trabalho, constatamos que esse olhar voltado para os usos da biblioteca necessitava ser ampliado com as percepções de seus usuários em seu sentido mais amplo e para além dos muros da Faculdade. Diante disso, no que se refere aos praticantes da pesquisa, foram selecionados dois

³ WhatsApp é um aplicativo para envio de mensagens de texto, vídeo e imagens. As praticantes deste artigo, pertencentes a uma turma de Pedagogia do câmpus em Duque de Caxias (UERJ), possuíam um grupo no WhatsApp para trocas de mensagens e avisos.

usuários assíduos da biblioteca: uma estudante de Pedagogia da Faculdade e um usuário da comunidade do entorno para participar das conversas individuais. Suas visões sobre a biblioteca e suas práticas de leitura e estudo acrescentaram informações pertinentes ao objeto da pesquisa.

A biblioteca possui alguns frequentadores assíduos, que sabem onde estão determinados livros, sem precisar da ajuda dos funcionários ou consultar o catálogo. Dada a sua familiaridade com esse ‘espaçotempo’⁴, é comum solicitarem alguns serviços e empréstimos que não estão elencados como os oferecidos – mas que às vezes constituem uma exceção, como empréstimo de adaptadores de tomada –, ou reivindicações como a exclusividade da utilização do sinal de internet oferecido pela biblioteca apenas para os frequentadores – o sinal hoje pode ser captado por usuários fora do espaço físico.

Entre os frequentadores estão os que não possuem vínculo com a universidade. Conforme pesquisa realizada entre novembro de 2019 e fevereiro de 2020, o público externo da biblioteca era composto majoritariamente de estudantes que se preparavam para concursos públicos e moravam nas redondezas da Faculdade. A maioria conheceu a biblioteca por intermédio de outros colegas ou frequentou algum curso oferecido pela instituição, como o pré-vestibular comunitário. Ter uma conexão estável com a internet e um local tranquilo para estudar são os principais motivos que os levam à biblioteca, pois essa não é a realidade de muitos estudantes e da comunidade ao redor.

Nas investigações que envolvem as pesquisas com os cotidianos, os participantes assumem papel de coautores de nosso estudo. Nesse sentido, para garantir maior visibilidade e reconhecimento, opta-se por divulgar seus nomes e imagens. No entanto, embora tenhamos obtido as devidas autorizações, formalizadas por meio de termo de consentimento livre e esclarecido assinado por cada um dos envolvidos, decidimos substituir seus nomes por personagens da literatura brasileira, uma escolha aprovada por eles, em uma postura ético-política, com o objetivo de resguardar tanto os participantes quanto os pesquisadores de possíveis interpelações futuras.

As periferias e os estudantes da Faculdade

⁴ Esse termo e outros escritos juntos, em itálico e entre aspas simples, são grafados assim nas pesquisas com os cotidianos, pois busca criar novos modos de ‘práticasteorias’, evidenciando os limites dessas dicotomias que aprendemos nos modos hegemônicos de pensar e escrever na construção da ciência na Modernidade (Alves, N., 2019).

O que se denomina periferia pode variar conforme a posição geográfica e social. Inicialmente, nos estudos em Geografia, o termo era empregado como dicotomia descritiva entre centro/periferia (Lima, 2015), utilizada na organização urbana para qualificar uma região que está nos arredores do centro de uma cidade. No Brasil, a palavra periferia ganhou novos sentidos no “processo de metropolização dos anos 1960-70” (Pallone, 2005, p. 11). Nesse processo urbano, a periferia estaria do lado oposto ao centro econômico de poder.

No entanto, a ideia de periferia(s) não pode, atualmente, ficar restrita a um lugar distante fisicamente de algum ponto central, dado que não é mais a distância geométrica que determina as relações socioespaciais nos espaços urbanos. É preciso entender, também, que não existe periferia (singular), e, sim, periferias (plural), devido à diversidade e à velocidade dos seus fenômenos, além da complexidade deles, o que inviabiliza a ideia de periferia como algo singular e restrito.

Cada vez mais as periferias têm sido caracterizadas por outros contextos – não aqueles baseados nas condições e contradições econômico-sociais dos seus moradores ou em suas espacialidades. Na contemporaneidade, novas estratégias do mercado imobiliário e outras tendências pouco a pouco vêm quebrando esses paradigmas, principalmente nas principais metrópoles, como bairros localizados em áreas novas, de urbanização recente, longe dos centros econômicos, comerciais e financeiros das cidades, com boa estrutura de serviços, saneamento, energia elétrica e telecomunicações, entre outros, ocupados por pessoas das classes média/alta e alta, o que aponta para a necessidade de revisões e atualizações teóricas e metodológicas acerca do que sejam as periferias.

A Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), localizada em um município de Duque de Caxias na Baixada Fluminense, faz parte da estratégia de interiorização da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com ênfase na formação de professores, através das licenciaturas e do mestrado acadêmico. Conforme o Data UERJ de 2020 (UERJ, 2020), mais de 60% dos ingressantes não cotistas da faculdade possuíam renda familiar de até 3 salários-mínimos; entre os cotistas, todos declararam ter renda familiar até essa faixa, realidade dos que lá estudam e de muitos da comunidade do entorno.

Apesar de haver motivos vários para estudantes de classes populares ingressarem na faculdade, para eles a obtenção de um diploma de curso superior, além de oportunizar sua entrada no mercado de

trabalho, constitui uma alternativa para escapar da desigualdade e da exclusão sociais impostas nas periferias.

Uma pessoa pode ser considerada socialmente excluída quando ela é impedida de participar plenamente, do ponto de vista econômico-ocupacional, da cidadania e do social do meio em que está inserida; embora não seja sinônimo de pobreza, pois existem outras formas de exclusão não só ligadas a financeira, a maior parte dos processos de exclusão social está ligada às dificuldades econômicas (Escorel, 2009). Desse modo, não lhes é permitido usufruir de uma qualidade de vida adequada, pois seu acesso aos recursos materiais ou culturais é limitado ou insuficiente, dificultando sua ascensão social, além de propiciar um ciclo de pobreza.

As adversidades enfrentadas pelos estudantes ficaram expostas em trechos de nossas conversas com alunas da FEBF, como suas dificuldades de locomoção para chegar à Faculdade e os problemas de residirem na zona periférica urbana: em dias de chuva, parte do grupo não podia sair de casa por causa das enchentes frequentes, que causam alagamentos na região e nas ruas próximas às suas residências; ou quando havia tiroteios e ordens de fechamento de ruas pelo trânsito, o que justifica a ausência de algumas alunas em determinadas aulas, como se pode perceber na passagem a seguir:

- Como está a rua aí? Meu bairro está enchendo.
- Chove muito, eu não irei. Moro eu uma rua deserta que com a chuva torna-se uma bomba-relógio. Sinto muito, Profa.
- Boa noite, família. Eu também terei que ausentar hoje por conta da chuva. Não tenho com quem deixar minha filha e com a chuva fico com medo de ir e passar apuros. Tive aula hoje pela manhã e estava muito carregado na Villa São Luiz. Não sei como está agora... Aqui onde moro começou a chover há pouco. Mas basta para encher... [...]
- Estava muito alagado na Vila São Luiz, não sei como está agora. Aqui onde eu moro começou a chover há pouco, mas basta para encher. A Itatiaia enche.
- Onde desço do ônibus está um mar, sem contar a rua longa que subo, muito deserta
- Se alguém depois puder me passar um *spoiler* da aula, agradeço. Ou fazer uma *live*. Participo com certeza (trechos retirados de uma conversa no WhatsApp).

Esses estudantes muitas vezes são, no seu ciclo familiar, a primeira geração a frequentar a faculdade. Como relatava Carolina de Jesus, no livro *Quarto de Despejo*, sobre as esperanças da mãe: “Eu nada tenho que dizer de minha saudosa mãe. Ela era muito boa. Queria que eu estudasse para professora. Foi as contingências da vida que lhe impossibilitou concretizar seu sonho” (Jesus, 2014, p. 43). Como Carolina, a viabilidade desses projetos de mudança do *status* social para alguns esbarra em dificuldades

impostas pela falta de recursos existentes na região onde moram. Para outros, a entrada na universidade ainda é um plano de futuro, mas a porta de entrada da biblioteca está aberta e disponibiliza o acesso ao que está por vir.

Uma biblioteca universitária na periferia conectando mundos

Eu pensava que livro era como árvore, como bicho, coisa que nasce.
Clarice Lispector, 1996⁵

Se livro fosse um bicho, a biblioteca seria seu *habitat*, com variadas espécies se desenvolvendo e reproduzindo. E são *habitats* variados. Mas a biblioteca não se desenvolve para guardar livros, mas pela procura de seus leitores. As bibliotecas podem ser públicas ou privadas, escolares, universitárias, especializadas, nacionais ou outra denominação que determine seu vínculo institucional, a comunidade atendida ou até os serviços que oferece.

Nessa ótica, a Biblioteca do Centro de Educação e Humanidades C (CEH-C) está identificada como uma biblioteca universitária, pertencente à Rede Sirius de Bibliotecas da UERJ e localizada no câmpus de Duque de Caxias, com acervo voltado para as áreas de Pedagogia, Matemática, Geografia e do mestrado em Educação, Cultura e Comunicação; entretanto, devido à falta de oferta de bibliotecas na região, tem grande procura por parte dos alunos do Ensino Fundamental e Médio de escolas próximas e da comunidade em geral, apesar de o acervo ser destinado aos cursos atendidos pela FEBF.

Os usuários externos eram 9%, segundo um estudo realizado por Souza (1999). A biblioteca universitária especializada na periferia atende à comunidade, embora não tenha uma política específica para esse público, ou melhor, não nesta Unidade, pois essa demanda não é exclusiva da unidade de Duque de Caxias. Ela não é a única biblioteca da rede que atende à demanda de usuários ‘vizinhos’ à UERJ – no câmpus do Maracanã foi criada a Biblioteca Comunitária (COM) em 1991, com base em um projeto apresentado à Administração Central para atender a uma demanda reprimida nas bibliotecas universitárias por parte de estudantes do Ensino Fundamental e Médio e moradores da circunvizinhança (Lanzillotti *et al.*, 2002, p. 2).

Atualmente, esses usuários utilizam o espaço tanto para consulta de obras físicas, cujo empréstimo domiciliar é facultado apenas à comunidade acadêmica, como também, devido à

⁵ Entrevista de Clarice Lispector a João Salgueiro, Affonso Romano de Santana e Mariana Colasanti para o Museu da Imagem e do Som (RJ) em 20 de outubro de 1976 (Lispector, 1996).

disponibilidade de acesso à internet (*Wi-Fi*), trazem seus computadores portáteis para estudo. Desse modo, a biblioteca abre suas portas para outras bibliotecas no ciberespaço. Em seu relato, um dos praticantes fala como conheceu a biblioteca:

Praticante Pedro: Eu conheci a biblioteca aqui em 2002, quando prestei vestibular comunitário aqui [...] e consegui através do vestibular passar na prova do ENEM, conclui a faculdade agora em 2018, de Direito, e já entrei na pós-graduação [...], querendo prestar ano que vem o mestrado e, se possível, doutorado.

Eu conheci aqui através de um professor chamado Adonis e, como eu moro aqui perto, eu comecei a me interessar pela biblioteca, pela forma como ela é, pela forma como tratam com muita educação os alunos.

Pedro identifica a participação da faculdade em sua formação ao frequentar o pré-vestibular comunitário e conseguir o ingresso em um curso de Direito, além de planejar prosseguimento em sua vida acadêmica em cursos de pós-graduação. Além dele, outros moradores locais utilizam o espaço físico da biblioteca em busca de local tranquilo para estudo e acesso ao mundo digital. O acesso a computadores e a liberação de senha para o *Wi-Fi* são mais do que uma gentileza nas bibliotecas; fornecem a inclusão digital aos que só possuem um pacote de dados.

Ter um bom acervo com livros, periódicos, teses e dissertações é imprescindível para o funcionamento de uma biblioteca, mas, em uma sociedade cada vez mais hiperconectada e virtual, é preciso fornecer acesso a múltiplas bases eletrônicas de dados, que apresentam custos elevados para assinatura. Disponibilizar esses recursos a toda uma comunidade representa abrir outras portas, expandir o espaço físico e suas coleções. Uma biblioteca digital disponibilizaria os livros para quem tenha conexão, mas a biblioteca, em seu espaço físico, disponibiliza a chave para os que não têm o acesso qualificado.

A gestão do acervo passa dos bibliotecários para os próprios usuários; o local físico como local de encontro, de trocas de saberes e inclusão reforça o papel social da biblioteca. Esse papel nas comunidades, nas universidades e nos centros culturais tem sido crescente. Mais do que um local onde são armazenados livros, as bibliotecas resistem como '*espacostempos*' em que as pessoas podem se reunir para explorar, interagir, produzir conhecimento, liberar a imaginação e '*aprenderensinar*'. Desse modo, o que nos interessa demarcar neste estudo é o caráter acolhedor da instituição, um espaço privilegiado para construção de redes de interação e sociabilidade e de redes de produção de conhecimento que contribuam para a formação acadêmico-humanista-cultural de seus estudantes.

O acervo físico da Biblioteca CEHC se constitui de livros, periódicos, dissertações, teses e monografias de final de curso; conta com mais de 10 mil exemplares, além dos acervos das outras bibliotecas que compõem a Rede Sirius, que a comunidade acadêmica pode utilizar. O acervo eletrônico cresce exponencialmente, com assinaturas em diversas bases de periódicos e livros eletrônicos, que, por questões contratuais e de direitos autorais, necessitam ser acessados pela rede da universidade ou, de modo remoto, mediante *login*.

O acervo eletrônico consiste em coleções de *e-books* e bases de dados que podem ser acessados em '*espacostempos*' diversos, ilustrando a relação de complementaridade (Briggs; Burke, 2004) e convergência (Jenks, 2009) da biblioteca com o mundo virtual. Desse modo, "a velha e a nova mídia podem coexistir, e realmente o fazem; diferentes meios de comunicação podem competir entre si ou imitar um ao outro, bem como se complementar" (Briggs; Burke, 2004, p. 31).

As adaptações das bibliotecas às demandas presentes e futuras não fazem perder a importância da biblioteca como espaço físico, mas a colocam em '*espacostempos*' diferenciados.

Importância da biblioteca e da universidade pública na periferia

Uma biblioteca dentro de uma universidade na periferia mostrou as significações diferentes dos potenciais usuários e de toda uma comunidade que a circunda. Potenciais, pois os usuários de uma biblioteca universitária são toda a comunidade acadêmica que tem à sua disposição uma biblioteca como extensão da sala de aula e toda sua infraestrutura e capacidade técnica é para atendê-los. Entretanto, outras existências se apoderam desses espaços: a comunidade do entorno, vizinha a uma faculdade, e utilizadores do seu espaço através da biblioteca.

A defesa por uma universidade pública, inclusiva, plural e de qualidade é um direito da população, incluindo a periferia do estado. A praticante Conceição demonstra o seu orgulho de pertencer à UERJ em uma das suas falas sobre como conseguiu uma vaga, retornando à academia depois de algum tempo afastada dos estudos.

Praticante Conceição: Eu, na minha idade, estou com 54, eu achava que era o fim de linha, com um menino com 26 anos e uma garota com 17.

Meu primeiro dia aqui foi um sonho, eu subindo esta rampa, parecia Brasília, sério. Meu Deus! Aquela coisa, aquela pertença, aquele orgulho, vi assim meu sonho concretizado. Eu sempre corri atrás, eu sempre ouvi: 'olha isso aqui é fruto do que você buscou'.

Compreendemos a narrativa de Conceição, seu sentimento de inserção, de sua integração a um todo maior, na dimensão não apenas concreta da realidade, mas também abstrata e subjetiva. Desse modo, o sentimento de pertença expresso por Conceição – “*aquela coisa, aquela pertença, aquele orgulho, vi assim meu sonho concretizado*” – possui, além da característica territorial, a sentimental. Ela se identifica com o local e cuida dele como uma parte sua, como afirma Lestinge (2004). Para o autor, o conceito de pertencimento se associa a duas perspectivas: uma associada a determinado território por uma realidade política, étnica, social e econômica, conhecida como enraizamento; a outra se fundamenta no sentimento de integração do indivíduo a algo mais amplo, em uma dimensão concreta e também abstrata e subjetiva (Lestinge, 2004).

Ao final de nossa conversa, a praticante completa a alegria, a gratidão e a transformação em sua vida por fazer parte da universidade:

Praticante Conceição: Eu estou com aquela sede, vontade de aprender, de fazer o melhor, fazer a diferença. Até no meu colégio mesmo, eu digo que eles lutam muito pelo aluno e ninguém luta pelo professor. Qual o interesse, o que vocês querem? Nunca fazem essa pergunta pra gente. Por que não é só financeiro, eu preciso do vil metal, sim, mas acho que é também esse crescimento que vocês proporcionam aqui para gente na universidade. Muita coisa eu aprendi aqui, eu não aprendi no magistério, mas vem no complemento; então, eu agradeço.

Para construção e manutenção de uma universidade pública e inclusiva, aberta ao diálogo, o pertencimento é uma de conquistas não só pelos estudantes que estudam lá como também pela comunidade em geral. A universidade é um direito, não um privilégio, e para o engajamento da sociedade em sua defesa é preciso conhecê-la. Em alguns lugares ela está próxima de suas casas, mas parece distante do seu convívio, e para protegê-la será preciso conhecer para contrapor a manifestações agressivas contra a ciência e as universidades.

Um dos frequentadores que utilizava a biblioteca da comunidade do entorno estudava com foco em concursos militares até mesmo durante o recesso acadêmico; após algumas semanas sem aparecer, voltou para dizer que passou em um concurso militar, mas afirmou que vai continuar estudando. Ainda que não estudassem na universidade, esse usuário utilizava os serviços para estudo e assim garantir um

emprego estável. Antes mesmo da faculdade, boa parte dos estudantes é atraída para o serviço público para garantir um emprego estável, com remuneração adequada.

Ao ocupar os espaços da Faculdade pela biblioteca, os usuários nos ajudam a pensar em como a biblioteca universitária pode se abrir ao público externo, especialmente nestes tempos de desinformação e ataques à educação, sendo a biblioteca a porta de entrada de muitos e muitas que almejam participar da comunidade acadêmica, reforçando o compromisso social da Universidade Pública na Baixada Fluminense.

Essa noção de pertencimento apareceu em outra fala da praticante Capitu com relação às suas lembranças de idas a bibliotecas para estudar e pesquisar na internet, pois em casa o acesso era difícil.

Praticante Capitu: A biblioteca do centro de Caxias. Eu fazia muito trabalho do Normal lá, tinha internet e em casa era uma disputa, uma coisa difícil de ter, esse acesso à internet. Eu ia lá por causa da internet e para fazer alguma pesquisa, pesquisas na internet, porque às vezes o professor disponibilizava já o texto na internet. No Normal é que eu peguei esse costume, antes era mais para leitura pessoal.

Entretanto essa não era a única finalidade de sua frequência à biblioteca como estudante; a biblioteca na escola era um refúgio, um local onde se sentia confortável; os livros da biblioteca, durante parte de sua adolescência, eram os amigos que a confortavam enquanto não se enturmava após uma troca de escola:

Praticante Capitu: Então as bibliotecas que eu mais frequentei foram de escola, porque eu era muito tímida quando criança; como eu não tinha muitos amigos, para eu não ficar sozinha, eu ficava na biblioteca caçando livros para ler.

O relato de Capitu chama-nos a atenção para a relevância de a biblioteca ser um local acolhedor, que reconheça a existência dos sujeitos e de suas necessidades, trazendo-lhes a sensação de maior segurança. Entre essas memórias de escola, a biblioteca ocupava o espaço com um outro tipo de conexão, desempenhando um vínculo, uma maior proximidade, a sensação de pertencimento à comunidade escolar.

Praticante Capitu: Eu sempre frequentei escola pública a vida toda, e biblioteca sempre tinha na escola. Eu estudei no brizolão a maior parte do Ensino Fundamental; estudei em outro colégio que também era muito presente nessas questões culturais, tinha Afroreggae, essas coisas. Então a escola tinha uma biblioteca muito presente com os alunos, era muito legal. Vivia cheia, pelo menos na época em que eu estudei. Falaram que agora não está mais assim, não, mas ela era muito presente porque eu mudava muito de escola e eu era

tímida e tinha dificuldade de fazer amigos, e em escola pública tem muito tempo vago e então eu tinha muito tempo ocioso na escola, então eu aproveitava, ficava lá na biblioteca, às vezes para fazer trabalho de escola, de pesquisa.

Como ensina Coulon (1995), a sensação de pertencimento demanda que o sujeito se sinta como pertencente a tal lugar e que esse lugar também pertence a ele. Assim, o pertencimento constitui uma noção subjetiva, que gera o sentimento de fazer parte, de ter relação intrínseca com determinado grupo, fortalecendo os indivíduos, como afirma Macedo (2012), na busca por reconhecimento e território. A praticante Capitu completa que “a escola, era muito legal. A biblioteca vivia cheia, pelo menos na época em que eu estudei. Ela era muito presente em minha vida”.

Esse sentido de inclusão, de poder transformar e se transformar, gera a noção de responsabilidade, identidade, participação e comunidade. Somente conhecendo e fazendo parte da comunidade é que a população poderá conhecer e participar dos seus projetos e entender sua importância.

Uma das questões levantadas pelas praticantes foi dar visibilidade à Faculdade para a população da Baixada Fluminense e de Duque de Caxias, pois, como sinalizaram, algumas pessoas parecem surpresas com a existência de uma UERJ em Duque de Caxias. Durante a conversa, foi ressaltado que algumas alunas não conheciam completamente a própria Faculdade e seus projetos; assim, a luta pela divulgação entre seus próprios alunos se faz necessária, abrangendo a população como um todo.

- Gostaria de saber se há possibilidade de organizar eventos culturais que afirmem a identidade da Baixada dentro da UERJ, uma vez por mês já chamaria a atenção de um público que geralmente não é alvo das universidades públicas. [...]
- Eu sou uma que não sei o que produzimos e fazemos.
- Até o futebol de terça na quadra não tem mais, tem gente que nem sabe onde é a quadra.
[...]
- Também percebo isso; quando falo que estudo na UERJ Caxias ou Faculdade, as pessoas ficam surpresas de ter campus em Caxias.
- Fico muito triste com isso, tem municípios que lutam para ter uma universidade pública. O povo de Caxias não sabe o que tem.
- Falta divulgação, tem pessoas que moram próximo e não sabem. Vamos nos empenhar, vamos lá.
- Caxias lutou e lutou muito pra trazer a UERJ pra cá, principalmente quando tivemos que transferir do Roberto Silveira para Vila foi um “Deus nos acuda” rs (Trecho retirado de uma conversa no WhatsApp).

As reflexões da turma sobre a importância da FEBF, em Duque de Caxias, surgiram de uma palestra entre professores no Seminário da Pós-Graduação, evento presencial que também possui partes

transmitidas *online*. Assim, durante as palestras, as alunas teceram comentários sobre a vivência na faculdade e o conhecimento que a população tinha acerca do local, como transcrito:

O professor está enfatizando a importância da FEBF aqui na Vila São Luiz. Precisamos fortalecer ainda mais a nossa instituição! Tem que ser divulgado. Quando peguei o ônibus na primeira semana de aula em Caxias, perguntei a várias pessoas e motoristas de ônibus onde ficava a FEBF, UERJ de Caxias, pois sou do Rio, e a grande maioria não sabia (Trecho retirado de uma conversa no WhatsApp).

Um dos praticantes passou a conhecer a biblioteca e frequentar a faculdade a partir do pré-vestibular social existente na FEBF. Esse projeto seleciona estudantes que terminaram ou estão completando o Ensino Médio para ter aulas nas dependências da faculdade nos finais de semana.

Praticante Pedro: Eu conheci a biblioteca em 2002, quando eu fui começar a prestar vestibular. Comecei a frequentar [...] quando prestei vestibular comunitário aqui e consegui [...], através do vestibular, passar na prova do ENEM, Conclui a faculdade [...] e já entrei na pós-graduação agora na própria UERJ, querendo prestar ano que vem o mestrado e possivelmente o doutorado.

Além de conseguir uma vaga em uma universidade, o praticante demonstra o desejo de prosseguir com os cursos de pós-graduação. Frequentava um curso de especialização na UERJ do Maracanã, além de frequentar a faculdade a partir da biblioteca. Não só a frequência aos espaços acadêmicos, mas a própria divulgação sobre a faculdade, a biblioteca, seus cursos e sobre as discussões aqui tratadas ocorrem por intermédio desses usuários.

Em outro momento foi necessário trazer nossas praticantes ao espaço físico da biblioteca, o que proporcionou um olhar sobre as relações entre a biblioteca física existente – mas não acessível a uma parte delas –, e a biblioteca no mundo digital em que elas estão inseridas cotidianamente. Ao aproximar as alunas do espaço físico da biblioteca, emergiram lembranças de leituras ou de contato com outras unidades de informação. Razões outras, como o fato de as alunas trabalharem de dia e estudarem à noite, também contribuem para a pouca utilização do espaço; sobre essa baixa procura pelo espaço, a praticante Tainá escreveu no seu portfólio (projeto de avaliação de disciplina):

Praticante Tainá: Na aula seguinte, dia 27 de agosto, fomos convidados a assistir à nossa aula em um espaço diferente, um tanto incomum de vermos pela universidade; confesso que durante esses anos aqui (e não são poucos), eu nunca tinha assistido a uma aula dentro da biblioteca. Para ser bem sincera, poucas foram as vezes em que entrei ali.

Durante conversas com a turma de Pedagogia, o posicionamento do grupo revelou que muitas vezes a falta de frequência à biblioteca se deve ao desconhecimento das suas potencialidades. Após a visita, alguns membros começaram a utilizar os serviços para leitura e elaboração de trabalhos escolares, aproveitando os computadores e livros disponíveis. A conversa também reavivou lembranças da formação como leitores. As memórias de leitura emergiram, trazendo recordações das visitas à biblioteca da escola, onde costumavam pegar muitos livros emprestados. Uma aluna lembrou como, com o tempo, abandonou esse hábito para ajudar a mãe em casa, o que a deixou sem tempo para ir à biblioteca.

Praticante Gabriela: Eu fazia as coisas em casa; tinha tarefa de ajudar minha mãe. E eu pegava livro toda semana, eu pegava dois, três livros. Mas, quando minha mãe ficou doente, eu tive que parar; eu não podia mais ler, porque eu tinha que fazer tudo em casa e ir pra escola. Foi aí que eu me desacostumei de ir na sala de leitura da biblioteca.

Eu a frequentava bastante, mas acabei me desacostumando. E isso me ajudou muito, hoje eu sei pegar um texto, desenvolver, por conta da leitura quando eu era criança.

Praticante Yasmin: No Ensino Médio, o metrô tinha o projeto Livro no Metrô, alguma coisa assim, e na Central do Brasil tinha uma biblioteca. Eu tenho até hoje a carteirinha, de lá de tanto que eu pegava.

Essa coisa de vir a um lugar para estudar é muito interessante, porque no meu mestrado a minha monografia eu fiz toda na biblioteca do CCBB, por causa do local, e quando a gente pensa em Baixada, eu moro na Zona Norte, eu não tinha nenhum local pra estudar que não fosse o centro do Rio, que não fosse a biblioteca da universidade, que, na época, estava em greve, e obviamente fechada. Então eu ia para o Centro do Rio. Ficava caçando biblioteca no Centro do Rio para isso.

Mauricio Alves (2019, p. 72), em sua pesquisa sobre memórias de escola, se surpreendeu com a “importância que a biblioteca teve na vida e formação” dos alunos e alunas que visitaram tal espaço em sua vida escolar. Em muitas lembranças, a biblioteca é o local onde se aproveitava o tempo vago... para logo se tornar um dos mais importantes da escola. O autor assevera que, por meio das narrativas colhidas, percebeu a importância dos bibliotecários na formação das alunas com incentivo à leitura, indicação de livros e organizando atividades que ajudaram em suas formações (Alves, M., 2019).

Como se depreende da fala do autor, o bibliotecário na atualidade não deve se limitar a emprestar livros, fornecer informações e criar atividades sem conhecer os espaços educacionais, a escola ou faculdade em que está inserido; é essencial possuir uma visão crítica, além do que já foi aprendido no currículo de Biblioteconomia, e desenvolver uma escuta sensível, que permita compreender as dificuldades dos usuários

em seu contexto sociocultural. Isso visa promover uma aprendizagem significativa, integrando-se nas atividades realizadas em parceria com os professores e a instituição de ensino.

Epílogo

Na atualidade, com o digital em rede, as bibliotecas universitárias nas periferias, mais do que um local no qual grande parte do conhecimento produzido por determinada civilização ou grupo de pessoas é armazenada, difundida, democratizada e gerenciada, são lugares onde as pessoas podem se reunir para explorar, interagir, aprender e ensinar.

Para além do suporte dado ao ensino e às atividades de pesquisa e extensão realizadas pela Universidade, a biblioteca é de grande relevância para a comunidade carente desses espaços culturais e transformadores sociais, disponibilizando um bom acervo de livros, periódicos e publicações sobre diferentes temáticas, com a oferta de espaços físicos acolhedores. Ademais, com o desenvolvimento do digital em rede, tem ampliado seu leque de serviços, disseminando informações e conhecimentos e estabelecendo intercâmbios com outras instituições nacionais e internacionais.

Diante do volume de informações circulantes na sociedade atual, o papel da biblioteca está em constante ressignificação, além de funcionar como repositório de recursos diversos, desempenha papel educacional, oferecendo serviços de apoio à aprendizagem, por meio de acervos diversificados, com vistas à formação de leitores críticos, reflexivos e efetivos usuários da informação.

Em nossas observações, esses usuários, com a facilidade de usar seus computadores portáteis, comparecem à universidade quase regularmente em busca de um lugar de estudo e conexão com a internet para seus afazeres. Essa conexão total acarreta profundas mudanças de comportamento e faz surgir o conceito de ubiquidade; ou seja, a possibilidade de ser onipresente a todo momento e, ainda assim, manter sua mobilidade inalterada.

Aberta ao público externo, a biblioteca consiste numa porta de entrada, incluindo os usuários na rede digital e reforçando como uma universidade pública pode ser transformadora na vida das pessoas que utilizam seu espaço como local de encontro, estímulo e acesso a uma vida melhor. A comunidade ocupa a academia pela via da biblioteca; a biblioteca universitária poderia ocupar a vida dessas pessoas

com informação combatendo o sistema de desinformação, fortalecendo o compromisso social da universidade pública, em especial, na Baixada Fluminense.

Referências

- ALVES, M. S. A. **Narrativas de formação:** práticas de multiletramentos na cibercultura. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2019.
- ALVES, N. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. *In: OLIVEIRA, Inês B.; ALVES, Nilda (org.). Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes.* 3. ed. Petrópolis: DP et alii, 2008. p. 39-48.
- ALVES, N. Apresentação. *In: ALVES, Nilda. Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje.* São Paulo: Cortez, 2019. p. 15-28.
- BOURDIEU, P. **Escritos de Educação.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRIGSS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia:** de Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- COULON, A. **Etnometodologia.** Petrópolis: Vozes, 1995.
- CRUZ, A. **O vício dos livros.** Porto Alegre: Dublinense, 2024.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Duque de Caxias:** Trabalho e rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/duque-de-caxias/panorama>. Acesso em: 14 out. 2024.
- ESCOREL, S. Exclusão social. *In: DICIONÁRIO da Educação Profissional em Saúde.* Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2009. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/excsoc.html>. Acesso em: 12 mar. 2021
- FERRAÇO, C. E.; ALVES, Nilda. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos: a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. *In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. p. 41-63.
- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência.** 2. ed. ampl. atual. São Paulo: Aleph, 2009.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo:** diário de uma favelada. Rio de Janeiro: Ática, 2014.

LANZILOTTI, R. S.; SÁ, N. O. de; CARDOZO, C. M. B.; FONSECA, N. L. da; SILVA, L. dos S. da. Biblioteca comunitária na Rede Sirius – Rede de Bibliotecas da XXX: a utilidade pública de uma biblioteca. **Cadernos do IME**, Serie Estatística, [Rio de Janeiro], p. 3-8, jun. 2002.

LESTINGE, S. R. **Olhares de educadores ambientais para estudo do meio e pertencimento.** 2004. Dissertação (Doutorado em Recursos Florestais) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2004.

LIMA, M. C. As teorias do desenvolvimento: a propósito dos conceitos de centro e periferia. **Século XXI**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, jan./jun. 2015.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G.H.** 2. ed. Madrid: Allcaxx, 1996.

MACEDO, R. S. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação.** Brasília: Liberlivros, 2006.

MACEDO, R. S. Multirreferencialidade: o pensar de Jacques Ardoino em perspectiva e a problemática da formação. In: MACEDO, Roberto S.; BARBOSA, Joaquim; BORBA, Sérgio (org.). **Jacques Ardoino & a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 35-62.

MILANESI, L. **A casa da invenção.** São Paulo: Siciliano, 1991.

NÓVOA, A. “Minha escola ideal é a escola onde se entra pela biblioteca”. Entrevista a Chico de Paula. **Biblio**, São Paulo, 14 nov. 2017. Vídeo. Disponível em: <https://biblio.cartacapital.com.br/antonio-novoa>. Acesso em: 12 fev. 2020.

OLIVEIRA, M. J. S. las C. de. **[Relatório].** Duque de Caxias, 1996.

PALLONE, S. Diferenciando subúrbio de periferia. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 11, abr./jun. 2005.

SOUZA, V. N. de. **Relatório da Biblioteca CEH C.** Rio de Janeiro, 1999. (Não publicado).

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Data Uerj 2020:** anuário estatístico 2019. Rio de Janeiro: UERJ, 2020.

VELLOSO, L.; SANTANA, L.; VERAS, P.; MACHADO, L. Sociabilidades forjadas nas relações contemporâneas na cibercultura. **Evocatio: Revista Luso-Brasileira de Filosofia, Artes e Cultura**, v. 2, p. 51-70, 2022. Disponível em: <https://is.gd/5fdzHu>. Acesso em: 14 out. 2024.

Licença Creative Commons – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CCBY-NC4.0)

Como citar este artigo:

SANTOS, Lucia Helena de Andrade; VELLOSO, Luciana. A biblioteca como espaço de diálogo: conexões entre a universidade e comunidades periféricas. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 22, 2025. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/11915>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

Financiamento: O estudo não recebeu financiamento.

Declaração sobre o uso de Inteligência Artificial: Os autores declaram que não utilizaram qualquer ferramenta, modelo ou serviço de Inteligência Artificial durante a preparação deste trabalho. Todo o conteúdo foi integralmente elaborado, revisado e editado pelos próprios autores, que assumem total responsabilidade pelo conteúdo final da publicação.

Revisor: Alexandre Rodrigues Alves (Revisão de Língua Portuguesa e ABNT).

Sobre as autoras:

LUCIA HELENA DE ANDRADE SANTOS é mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bibliotecária da UERJ.

LUCIANA VELLOSO é doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora da UERJ.

Recebido em 07 de maio de 2025

Versão corrigida recebida em 02 de outubro de 2025

Aprovado em 08 de dezembro de 2025